



**JOSÉ FREITAS**, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DO  
TARRAFAL DE SÃO NICOLAU

**“Resolvendo o problema  
dos transportes é possível  
arrancar com o turismo”**



//12 - 13



MUTILAÇÃO GENITAL FEMININA

**Cabo Verde traz  
debate para  
sensibilizar a  
sociedade**

//6 - 7

**ECONOMIA**

**Electra nova,  
problemas  
antigos**

//8 - 9

**RECRUTAMENTO DE  
TRABALHADORES**

**CCISS e Cabo Verde Empresas  
com visões diferentes**

//5

**C MINDELO**

**CNAD abre-se à  
cidade, ao país e  
ao mundo**

//18 - 19





# CNAD abre-se à cidade, ao país e ao mundo

Marco cultural e arquitectónico do Mindelo e de Cabo Verde foi inaugurado no último fim-de-semana, depois de três anos de obras e com a promessa de fazer convergir tradição e modernidade.

Nuno Andrade Ferreira

Com novas valências e condições únicas para desenvolver e exibir trabalho artístico, o renovado Centro Nacional de Arte Artesanato e Design (CANAD) abriu portas dia 30, na Praça Nova, em São Vicente, com a ambição de dar visibilidade mundial às artes visuais cabo-verdianas.

O edifício original, a antiga casa do senador Vera-Cruz, liga-se a um segundo espaço, construído de raiz a partir do projecto do gabinete de arquitectura Ramos Castellano. A fachada icónica, idealizada em parceria com o compositor



Lateral do CNAD, no centro da cidade do Mindelo

Vasco Martins, e na qual se esconde uma pauta musical, é a marca do 'novo' CNAD.

"Mindelo convida-nos, de certa forma, a sonhar e é por essa razão que assumimos desde o início que seria o centro das artes, da cultura e das indústrias criativas", declarou na abertura o ministro da tutela, Abraão Vicente.

O responsável governamental pela Cultura e Indústrias Criativas

quer transformar o investimento em mais-valia, tornando-o porta de entrada para os grande circuitos internacionais da especialidade.

"Além da fachada bonita, colorida, vibrante, precisávamos de dar conteúdo a esta magnífica obra arquitectónica. Não é apenas um edifício bonito, para preencher e animar a vista da cidade. É uma extraordinária construção, de consolidação do nosso percurso como

povo, um extraordinário e sentido monumento ao nosso percurso como povo", disse.

Presente na cerimónia protocolar de inauguração, o Primeiro-Ministro, Ulisses Correia e Silva, também realçou a dimensão identitária do novo polo cultural.

"Esta obra simboliza aquilo que é Cabo Verde: resiliência, crença e ambição. Não estivemos a fazer contas de somar. Tivemos de fazer contas de multiplicar", afirmou.

Galerias para exposições permanentes e temporárias, um pequeno apartamento para residências artísticas, centro de investigação, loja, cafeteria e área administrativa, além de zonas exteriores, fazem do CNAD um centro versátil. Os muros que envolviam a casa do senador foram derrubados, abrindo o equipamento à cidade e às pessoas.

Para o presidente da Câmara Municipal de São Vicente, Augusto Neves, o CNAD valoriza a cultura da ilha e o legado das gerações anteriores.

"Um dos aspectos mais importantes do projecto foi a vontade e a capacidade demonstradas de salvar essa grandiosa obra de arte [a casa de Augusto Vera-Cruz], de incalculável valor, e de a devolver à população. Esta obra enquadra-se num vasto e notável esforço de recuperação e restauro dos principais monumentos do país", notou.

Com autonomia financeira, administrativa e patrimonial, o CNAD terá programação própria, pensada à distância de vários meses. De acordo com o director-geral, Irlando Ferreira, o projecto representa um investimento a rondar os 150 mil contos, totalmente financiados com recursos do Estado, através do Fundo do Turismo. **E**

Criação Cabo-Verdiana

## PERCURSOS

Galeria Manuel Figueira

Curadoria de Adélia Borges e Irlando Ferreira

Seleção de obras do acervo do Centro Nacional de Arte, Artesanato e Design (CANAD), dividida em dois momentos principais: décadas 1970 e 1980 e a partir de 2015. No primeiro período, é possível encontrar um conjunto de peças recolhidas pelos membros integrantes do então Centro Nacional de Artesanato (CNA). No segundo, a colecção é construída a partir do resultado de residências criativas, concursos e aquisições.

## FIOS

— Tapeçaria de Cabo Verde  
Galeria Luísa Queirós  
Curadoria de Irlando Ferreira

"Fios — Tapeçaria de Cabo Verde" apresenta três gerações de artistas e artesãos, com obras produzidas ao longo das décadas de 1980 e 1990 e também obras dos anos 2000, resultantes, na sua maioria, de duas residências criativas: "URDIDURAS — Tecendo Olhares.2" (2016), com peças dos mestres artesãos João Fortes, Joana Pinto e Marçalino dos Santos; "TEADA" (2018), pelos artistas Alex da Silva, Bento Oliveira e Manuel Figueira e os artesãos Hélder Medina, Hélder Santos e Valdemiro Pina.

## IDIOTA

Galeria Bela Duarte  
Marlene Monteiro Freitas e  
Alex da Silva

Um convite do CNAD está na origem do diálogo entre a obra do pintor Alex Silva (1973-2019) e a bailarina e coreógrafa de renome internacional, Marlene Monteiro Freitas. O resultado é a performance/instalação "Idiota".

Em jeito de homenagem e tributo ao legado incontornável deixado por da Silva, Marlene constrói uma conversa que tem início numa performance para se estender enquanto instalação.

## FUNDAÇÃO E EMERGÊNCIA

Galeria Zero  
Diogo Bento

"Fundação e Emergência", do fotógrafo Diogo Bento, apresenta o processo de requalificação do CNAD, através de fotografias exibidas no espaço Zero.

Diz o autor que, pelas suas características, a obra do CNAD sempre pareceu apresentar desafios complexos. Por isso, este procurou aproximar-se de um entendimento das dimensões físicas e simbólicas do projecto.

Irlando Ferreira, director-geral do CNAD

# “A minha visão é que o CNAD inspire uma nova dinâmica a nível criativo”

Lidera o Centro Nacional de Arte Artesanato e Design (CNAD) desde 2015 e foi o grande impulsionador da remodelação do antigo edifício e construção do novo espaço. Gestor, programador e curador, Irlando Ferreira quer promover diálogos entre a arte, o artesanato e o design, de Cabo Verde para o mundo.

Entrevistado por Nuno Andrade Ferreira

**O renovado CNAD é um projecto com características únicas. Passemos em retrospectiva o caminho até à inauguração...**

Na realidade, foi um caminho relativamente longo mas bastante desafiante e onde fomos concluindo as fases que estavam previstas. Quando entrei como director do CNAD, em 2015, a minha perspectiva, enquanto gestor e programador cultural, era desenhar um projecto que pudesse trazer ao CNAD a força que já tinha tido no passado. Então, a primeira coisa foi estudar tudo aquilo que tinha sido feito. Tivemos algum tempo no acervo, a fazer essa investigação. O Manuel Figueira já falava da questão de museus, da formação e de todas as questões. A partir desta base, desta visão que não foi implementada, o que poderíamos fazer? Daqui nasceu a necessidade de requalificar e ampliar o CNAD, com o objectivo de ser um equipamento cultural de referência, sustentável até determinado ponto, com projectos museológicos, galerias, loja, centro de investigação e pesquisa, centro de formação, espaço de residência e que pudesse também servir de base para depois ampliar às outras ilhas, a partir do projecto LEAAD (Laboratório Experimental de Arte, Artesanato e Design) e do projecto de rede de lojas. A partir desta visão, conhecemos o arquitecto Moreno Castellano, com quem falámos dessa vontade, dessa utopia. Ele, utópico também, com von-



Irlando Ferreira lidera o CNAD desde 2015

tade de propor, trouxe-nos este projecto visionário, do ponto de vista da fachada e da distribuição do espaço. Chega 2016, a mudança do governo, e nós apresentámos essa proposta, que foi logo acolhida pelo ministro da Cultura, que propôs um encontro com o Primeiro-Ministro. Em 2019, iniciámos as obras. Com muito trabalho, não obstante a pandemia, a guerra, tivemos todas as condições para inaugurar com toda a qualidade, nessa visão projectada lá atrás.

**O CNAD nasce com a ideia de como serão os próximos meses?**

Um equipamento construído é um espaço morto, o que lhe dá vida é aquilo que põe lá dentro. Mais do que ter um edifício, é ter um projecto e a sua visão para o futuro. Cada galeria levará três grandes exposições

por ano. Vamos abordar os nossos artistas e artistas internacionais de diferentes áreas, arte, artesanato e design. Neste momento, já estou a trabalhar na programação dos próximos dois anos. É um trabalho que tem sempre uma visão a médio e longo prazo. Não podemos pensar o equipamento cultural em ciclos de seis meses, pois não funciona, não ganha corpo, não ganha estrutura.

**No vosso trabalho há uma preocupação em colocar em diálogo diferentes formas de expressão artística...**

Entendemos que do cruzamento de linguagens nasce sempre uma coisa muito mais rica. Trabalhamos de forma muito vinculada essa questão de o artesanato dialogar com o design numa perspectiva linear, sem sobreposições. O que vai fazer

com que seja mais ou menos evidenciado, do ponto de vista estético, é a capacidade das pessoas que estão com a mão e a cabeça naquele conteúdo. Não gostamos muito de trabalhar a nível de graus, de posicionamento entre uma coisa e outra.

**Um projecto como este cria à sua volta uma série de dinâmicas. O que se espera que surja daqui?**

Mais do que um catalisador, o meu desejo, enquanto cidadão, é que o CNAD seja um influenciador. Que um jovem olhe para o CNAD, para o que está a ser feito, e se inspire a fazer. Quero convidar jovens e menos jovens e desafia-los nos campos de curadoria, da programação... A minha visão é que o CNAD inspire uma nova dinâmica a nível criativo. Não quero que seja uma árvore que

chama tudo para si. Quero que seja um polo que influencie e crie espaços para que o Centro Cultural do Mindelo esteja programado, que o Zero Point Art esteja programado, que a ALAIM esteja programada e que os outros que virão estejam programados. Uma cidade vive de uma dinâmica, não de uma centralidade. Naturalmente que o CNAD, pela sua dimensão e propostas, vai abrindo campo para outras coisas. Temos explorado isso na URDI e tem funcionado muito bem. Agora temos um equipamento cultural que nos permite ir cada vez mais fundo, não só em São Vicente.

**Podemos esperar que o CNAD contribua para a projecção internacional de Cabo Verde e o estabelecimento de diálogos para lá do país?**

O pensamento no sector das artes tem de ser sempre expansivo e universalista. A arte, quando é boa em Cabo Verde, é boa na China ou em qualquer parte do mundo. Não é à toa que, para a abertura, trabalhamos a curadoria com a Adélia Borges, que é uma curadora brasileira que trabalha com o mundo. Também temos que trabalhar com artistas internacionais, porque temos que ter uma programação diversificada e pôr à disposição do nosso público a possibilidade de se confrontar com outras coisas. Não podemos almejar trazer um artista de renome se não tivermos um espaço onde acolhê-lo de forma digna. O CNAD tem todas as condições e foi desenhado para isso. Esse é o caminho que estamos a fazer. **■**